



DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA

FLORINDA NACHILONGACHIMUCO

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA ESCLARECIMENTO DOS
RITOS FÚNEBRES NO MUNICÍPIO DA CAÁLA**

CAÁLA-2023

FLORINDA NACHILONGACHIMUCO

**PROPOSTA DE CRIAÇÃO DE UM CENTRO PARA ESCLARECIMENTO DOS
RITOS FÚNEBRES NO MUNICÍPIO DA CAÁLA**

Relatório de fim do curso, apresentado ao departamento de História do ISP-Caála como requisito para obtenção do grau de licenciatura em História.

O Tutor: Menezes Tchipopa Ndikito

CAÁLA-2023

Dedico este trabalho ao meu esposo, aos
Meus filhos, especialmente aos meus
Progenitores pela vida, coragem e muita
Atenção que prestaram em mim no
Decurso da formação académica

AGRADECIMENTOS

Queremos em primeiro lugar agradecer à Deus por todas as bênçãos recebidas desde o início do nosso curso de formação académica até a sua conclusão;

Os nossos agradecimentos são extensivos ao meu tutor Pe. Menezes Tchipoppa Ndikito. A direcção do ISP-Caála, particularmente aos meus inolvidáveis docentes por me conduzirem no mundo da ciência;

Aos meus familiares e a todos quanto contribuíram para que este trabalho fosse uma realidade

O Nosso muito obrigado!

RESUMO

Os ritos de passagem sempre tiveram mudanças ao longo dos séculos, principalmente na cultura dos Ovimbundu. O presente trabalho aborda sobre uma proposta de criação de um centro para esclarecimento dos ritos fúnebres no Município da Caála. O tema do ritual está intimamente ligado ao modo como as pessoas resolvem as questões relativas ao próprio desenrolar da vida social do qual a morte faz parte. Todo ritual deve ser entendido como uma forma comunicativa de expressão, podendo ser considerado performático por promover nos participantes um efeito catártico que se apresenta por meio de gestos, falas, acções, cantos, objectos, trajes, cenário, instrumentos e ornamentos utilizados para proporcionar realismo e vivacidade à acção pretendida. O trabalho tem como objectivo: a criação de um Centro para esclarecimento dos rituais Fúnebres no Município da Caála. Como metodologias usou-se as técnicas de questionário para obter dados. Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa. Organizaremos um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, que permitirá, e às vezes até incentivará, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema. A entrevista foi pensada com o intuito de obter informações de forma livre, não padronizada. As entrevistas serão realizadas pela própria pesquisadora, sendo previamente combinadas com os participantes, de acordo com a disponibilidade e preferência dos mesmos. As entrevistas serão realizadas em local apropriado, proporcionando um ambiente tranquilo e sem interrupções, dentro do próprio sector, de forma a minimizar as dificuldades em participar da pesquisa, mas que ao mesmo tempo não venha a comprometer os inqueridos.

Palavras-chave: Criação. Ritos. Fúnebres. Esclarecimentos

ABSTRACT

The rites of passage have always changed over the centuries, especially in the Ovimbundu culture. The present work deals with a proposal for the creation of a center for the clarification of funeral rites in the Municipality of Caála. The theme of the ritual is closely linked to the way people resolve issues related to the unfolding of social life of which death is a part. Every ritual must be understood as a communicative form of expression, and can be considered performative because it promotes a cathartic effect on the participants that is presented through gestures, speeches, actions, songs, objects, costumes, scenery, instruments and ornaments used to provide realism and liveliness to the intended action. The objective of the work is: the creation of a Center for the clarification of Funeral rituals in the Municipality of Caála. The methodologies, questionnaire techniques were used to obtain data. This is an exploratory study of a qualitative nature. We will organize a set of questions (script) on the topic being studied, which will allow, and sometimes even encourage, the interviewee to speak freely about issues that arise as developments of the theme. The interview was designed with the aim of obtaining information in a free, non-standard form. The interviews will be carried out by the researcher herself, being previously combined with the participants, according to their availability and preference. The interviews will be carried out in an appropriate place, providing a calm and uninterrupted environment, within the sector itself, in order to minimize the difficulties in participating in the research, but at the same time not compromising the respondents.

Keywords: Creation; Funeral; Rites; Clarifications

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 1.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA..... | 10 |
| 1.2 OBJECTIVOS..... | 10 |
| 1.2.1 Objectivo geral: | 10 |
| 1.2.2 Objectivos específicos: | 10 |
| 1.3 CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO | 10 |
| 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA..... | 11 |
| 2.1 ORIGEM DA PALAVRA RITO..... | 11 |
| 2.2 RITOS FUNERÁRIOS..... | 11 |
| 2.3 DIFERENÇA ENTRE OS TERMOS RITO E RITUAIS | 12 |
| 2.4 UTILIDADE DOS RITOS FUNERÁRIOS..... | 13 |
| 2.5 CEMITÉRIO COMO UM LUGAR SAGRADO | 14 |
| 2.6 PASSAGEM DOS RITUAIS | 16 |
| 2.7 DIA DE REZAR PELOS MORTOS | 18 |
| 2.8 RITUAIS NO MOMENTO DO LUTO | 19 |
| 2.9 MISSA DO 7 DIA | 21 |
| 2.9.1 Caracterização e localização geográfica do Município da Caála | 22 |
| 2.10 BREVE HISTORIAL DO MUNICÍPIO DA CAÁLA | 23 |
| 2.11 DIVISÃO ADMINISTRATIVA..... | 23 |
| 2.12 ACTIVIDADE ECONÓMICA..... | 23 |
| 2.13 DEMOGRAFIA | 24 |
| 2.14 A REALIZAÇÃO DOS RITOS FÚNEBRES NO MUNICÍPIO DA CAÁLA | 24 |
| 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 25 |
| 3.1 TIPO DE INVESTIGAÇÃO | 25 |
| 3.2 LOCAL DE ESTUDO:..... | 26 |
| 3.3 MÉTODO DE ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA | 26 |
| 3.4 INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO: | 26 |
| 3.5 MÉTODO DE ANÁLISE SÍNTESE: | 26 |
| 3.6 MÉTODO DEDUTIVO/INDUTIVO: | 27 |
| 3.7 POPULAÇÃO E AMOSTRA:..... | 27 |
| 4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS | 27 |

| | |
|--|-----------|
| 4.1 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DO INQUÉRITO APLICADO ALEATORIAMENTE..... | 27 |
| 5 PROPOSTA DE SOLUÇÃO | 32 |
| 6 CONCLUSÕES..... | 33 |
| REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA | 34 |
| APÊNDICE N°1..... | 39 |

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho, abordaremos sobre uma “Proposta de criação de um Centro para esclarecimento dos ritos Fúnebres no Município da Caála”. O tema é de suma importância visto que, os ritos fúnebres são sempre considerados como o momento da última transição, ou seja, aquele que leva a entrada no reino dos mortos, onde o espírito se dirige para o reino dos vivos, sendo respeitado e louvado ao longo dos tempos. O trabalho estará estruturado da seguinte forma: No segundo Capítulo faremos uma contextualização dos conceitos relevantes do tema, no terceiro ponto os procedimentos metodológicos, no quarto a descrição e discussão dos resultados, no quinto ponto a proposta de solução, no sexto ponto as conclusões e por fim a referência bibliográfica.

Acreditamos, pois, que através desta investigação será possível apresentar a importância dos ritos fúnebres na cultura umbundu, de modo a valorizar os nossos hábitos e costumes. Para a melhor explicação sobre o tema aqui tratado, buscamos em primeiro lugar o conceito de ritos segundo o dicionário de língua portuguesa-prestígio, Porto Editora, que conceitua ritos como sendo “um conjunto de cerimónias prescritas para a celebração de um culto. Pois bem, os ritos funéreos, de acordo com, SCHECHNER (2002) define ritual como “memórias em acção”, demonstra que a memória é viva e está presente no corpo, nos objectos e nos símbolos e/ou códigos que são utilizados durante o ato ritual.

De acordo com LE GOFF (1990) a “memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou colectiva, cuja busca é uma das actividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.”. Isto significa que a preservação da memória reforça e confirma a identidade cultural de um grupo, de tal modo que em alguns casos há associação da memória do morto a aspectos da sociedade.

Todo ritual deve ser entendido como uma forma comunicativa de expressão, podendo ser considerado performático por promover nos participantes um efeito que se apresenta por meio de gestos, falas, acções, cantos, objectos, trajes, cenário, instrumentos e ornamentos utilizados para proporcionar realismo e vivacidade à acção pretendida. Portanto, a realização do rito fúnebre contém a desordem da morte e reinstala a ordem, restabelecendo o equilíbrio necessário ao grupo por meio da realização de etapas que precedem e seguem a morte, também implica a comunidade o reconhecimento da morte de outrem bem como consola e ampara os enlutados.

1.1 Descrição da situação Problemática.

No Município da Caála, não tem nenhum centro para esclarecimento dos ritos Fúnebres e muitas vezes regista-se a desvalorização dos rituais transmitidos pelos nossos antepassados, e o não acatamento dos valores rituais no Município da Caála, pois, a morte dos entes queridos e outros rituais, precisam ser valorizadas, marcadas, pontuadas, de forma que estes acontecimentos recebam a consideração necessária.

1.2 Objectivos

Para o presente estudo definiu-se os seguintes objectivos:

1.2.1 Objectivo geral:

Propor a criação de um Centro para esclarecimento dos rituais Fúnebres no Município da Caála.

1.2.2 Objectivos específicos:

- a) Esclarecer a importância dos ritos da nossa cultura;
- b) Definir os conceitos de ritos fúnebres;
- c) Adotar medidas que visam valorizar a divulgação dos ritos fúnebres no Município da Caála.

1.3 Contribuição do trabalho

Com o presente projecto, contribuiremos da seguinte forma: Construiremos um centro para esclarecimento de ritos fúnebres, mantendo assim, os nossos costumes e hábitos da nossa cultura. Outro sim, contribuiremos com mudanças das estratégias de ensino, para despertar na população o interesse e o valor da formação. Por esta razão, as novas estratégias, podem contribuir positivamente na motivação da população, promovendo assim, emprego para a comunidade Caalense.” Os rituais fúnebres desempenham um papel para desenvolver uma formação religiosa do homem e, sobretudo, a mutação do regime ontológico, o acto de tornar-se um homem propriamente dito necessita da morte para a vida primeira, natural, e do renascimento para uma vida superior que é, ao mesmo tempo, religiosa e cultural” (LE GOFF 1990).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

Neste capítulo far-se-á a revisão bibliográfica, através da análise de algumas asserções de autores, relacionadas aos ritos fúnebres.

2.1 Origem da palavra rito

O termo rito provém do latim, *ritus*, uso, rito. Acção sagrada realizada em conformidade as regras ou seja, indica ordem estabelecida, se trata de um “evento” que se repete de uma maneira que siga as normas previamente estabelecidas. A acção de ritualizar é intrínseca à condição humana, tornando compreensível a realidade em que o ser humano está imerso. Os ritos fazem parte do conjunto de práticas que delimitam o status social e a pertença a um grupo, favorecendo a manutenção do equilíbrio do mesmo e fortalecendo a noção de identidade dos indivíduos. Assim, entende-se que as fases que marcam a vida de um indivíduo, como o nascimento e o casamento, são celebradas com um ritual, que é um momento em que a sociedade e o indivíduo se apresentam distintamente. Frequentemente o termo é usado para designar acções sagradas que parecem tirar toda a sua eficácia de acordo as regras (Avelino, Satende & Ngueve, 2010, p. 30).

2.2 Ritos funerários

A maneira de viver de cada sociedade se reflecte no cumprimento das distintas etapas dos rituais e representa uma forma de agregação. Os ritos garantem paz aos vivos e a confiança de que os mortos estão seguros no Paraíso. Conforme Menezes e Gomes (2011), que se basearam em Mary Douglas, percebe-se que os rituais em torno da morte, assim como quaisquer outros, como os de casamento e os de iniciação, asseguram que os ritos são fundamentais para manifestar e solidificar os laços, desencadear a partilha de emoções, garantir e reforçar a coesão social.

Desta forma, não há morte sem ritos de morte. Van Gennep (2011) entende que os rituais relacionados a morte, baseando-se na visão da morte como processo, assemelham-se a todos os outros referentes a períodos críticos da vida, como o nascimento. Assim, a sociedade elabora respostas cerimoniais, com o objectivo de auxiliar a transposição dessas crises, que seriam os rituais, que seguem um padrão: um rito de separação é seguido por um de transição e concluído por um rito de incorporação.

Ainda segundo Van Gennep, os rituais de passagem são de extrema importância para a revitalização do grupo ou da cultura, pois definem as etapas da vida, e muitos ritos funerários indicam a ideia de que a sequência de atividades humanas se completou. Já para Turner (1974), os rituais são processos de anexação e exteriorização da expressividade que é de muitas pessoas, compreendem eventos em que as experiências privadas são dissolvidas, divididas e integradas. Para nós, os rituais são essenciais, pois mantêm o respeito com aquele que em vida, esteve conosco tanto nos momentos bons como ruins.

2.3 diferença entre os termos rito e rituais

No decurso da pesquisa, notou-se uma diferença entre os termos rito e rituais. Constatamos que rito é a teoria e ritual é a prática, ou seja, que rito é o conteúdo e ritual é a forma como é realizado o rito. O rito é um conjunto de graus, e cada grau é um Ritual. Ritual é uma cerimônia que se atribuem virtudes ou poderes inerentes à maneira de agir, aos gestos, às fórmulas e aos símbolos usados, capazes de produzirem determinadas implicações ou resultados. Ritual é um processo continuado de atividades organizadas sujeitas a práticas relacionadas aos ritos, que abrangem cultos, doutrinas e seitas, encontrada em todas as esferas vida cultural, Rivière (1997, p. 30)

O rito é compreendido como um sistema cultural de comunicação simbólica constituído de consequências ordenadas e padronizadas de palavras e actos, expressos por múltiplos meios, com conteúdos diferenciados por graus variados de formalidade ou convencionalidade, estereotipia ou rigidez, condensação ou fusão e redundância ou repetição (Rodolpho, s/d, p. 142). Segundo Jean Pierre Bayard (s/d), o rito funerário é a relação teatralizada e derradeira com o morto no sentido de fazer-lhe menção honrosa e de dar aos seus o consolo de que a vida não se extinguiu todo, pois lhes assegura haver uma vida em algures (Daniel, 2014, p. 20).

A morte é caracterizada pelo mistério, pelo medo, pela incerteza do que pode existir, porque os que experimentaram nunca voltaram para esclarecer aos que ficaram. Todas essas características da morte desafiam as diversas culturas que buscam respostas á ritos, filosofia, religião, arte, música para compreender o desconhecido fim e remediar a angústia gerada pela morte (Feliciano, 2008, p.1).

Para Saraiva (2004, p.119) o tratamento do cadáver varia de acordo a concepção da vida, da morte e performances rituais. A morte produz emoções complexas e contraditórias, apesar das suas similitudes em diferentes contextos sociais e culturais o rito está sempre presente.

Segundo Metcalf e Huntington (1991, p.20) os ritos funerários variam de uma cultura a outra, assim alguns cadáveres são enterrados ou queimados, outros embalsamados ou defumados, ainda outros deixados apodrecer ritualmente expostos como coisa imunda ou abandonada (Melo 2008, p.3). Visto assim os egípcios, recorrem ao embalsamento e mumificação devido a concepção que têm da decomposição do corpo. Os indianos utilizam a cremação para contornar a putrefação da carne, os persas entregam o corpo aos abutres no silêncio das torres. Só depois de um ano recolhem as ossadas e conservam no ossário. Entende que a impureza é um atentado a terra, água, e ao fogo (Hertz apud Amorim, 1988, p.31).

2.4 Utilidade dos Ritos Funerários

Para alguns autores o rito funerário explica a morte como algo irrelevante, uma vez que a alma e o espírito dos mortos continua a viver no outro mundo, a crença na ressurreição e reencarnação no dia do juízo final, fazem que as pessoas sintam que a morte não é definitiva, pode ser seguida de uma reaparição na terra ou uma fase passageira na contínua roda da existência vital (Titiev, 2009, p. 319). Os Ovimbundu sabem que pela morte se nasce de novo, vai existir doutra forma. A morte não se pode separar da vida como antepassado, continua como a fase oposta da vida. Esta mudança exige uma iniciação, um rito de passagem (Altuna, 2006, p. 434). Segundo Nahenda (2018) citando Mondin (2013, p.20), os rituais funerários fundamentam-se em quatro elementos da cultura: a língua, o costume, a técnica e o valor.

A língua serve para que se entendam os conteúdos através do uso da palavra. Em qualquer cerimónia a palavra tem uma função para que se compreenda os significados ou gestos contidos nos rituais (Colley, 2005.p.186). O costume é a maneira repetitiva, constante e invariável de transmissão da cultura de geração à outra; a técnica é o procedimento caracterizado pela manipulação de alguns objectos, gestos e linguagem; valores é a inferência de valores psicológicos e sociais (Mondin, 2013, p.184). Os quatro elementos referenciados correspondem a variadas formas de acções sagradas, carregadas de conteúdos simbólicos, reverências, isto quer dizer que, o ritual é o lado activo da religião (Markoni e Lakatos 1999, p. 83). Conceição (2012, p.25) considera os ritos como um espaço de construção identitária, porque acompanham sempre o homem em diversas fases da sua vida, tanto para o homem moderno como para o homem tradicional.

Os ritos funerários transmitem uma mensagem, moldam a conduta e comportamento dos constituintes de uma comunidade, logo, têm utilidade social, comunicativa, educativo e psicológico.

Passamos a explorar cada um destes elementos: Assim, a presença do cadáver no rito funerário torna mais crível a morte e a aceitação da perda. Segundo Hertz (1960), o corpo é uma entidade biológica e social devendo por isso receber um cuidado específico e um funeral adequado. De acordo com o autor, a morte destrói não apenas um indivíduo biológico, mas uma pessoa social, vindo daí a necessidade dos rituais funerários serem indispensáveis para possibilitar que a sociedade se reajuste perante a perda que sofreu e afirme a perenidade do social. Os simbolismos das cerimónias mortuárias para transferir a alma de uma ordem social a outra, envolve um duplo funeral, que consiste por um lado na desagregação do indivíduo da colectividade e, por outro, no restabelecimento da sociedade que requer a realocação dos papéis que o defunto anteriormente ocupava.

Em termos gerais, de acordo com Van Gennep (2011), os ritos fúnebres podem ser divididos em ritos de separação do mundo anterior (se separa do mundo dos vivos), de margem (momento liminar) e de agregação ao novo mundo (integrar o morto como parte do “além”). É válido salientar que o mesmo rito pode assumir diferentes interpretações e que diversos tipos de ritos podem se combinar. Assim, o ritual é seguido pela expressão de emoções: os sentimentos tidos como convenientes ao conjunto de normas e regras sociais de cada comunidade. Rivière (2013, p.34) concorda com Van Gennep (2011) quando afirma que os ritos de morte, compreendem além dos ritos de oblação, que seria o acompanhamento do moribundo, a retenção do corpo; abarcam os momentos da morte, incluindo os cuidados com o cadáver; do velório e do enterro; e o do luto.

2.5 Cemitério como um lugar sagrado

Os cemitérios devem ser pensados como lugares de memória porque o ato de "lembrar o morto" envolvendo um ritual colectivo demonstra que na sociedade há um duplo papel na elaboração póstuma, em razão de servirem tanto para comprovar a eternidade do morto e sua obra quanto para actualizar o valor simbólico de vivos e mortos. Essa “construção” se apresenta por meio da representação através de fotografias, epitáfios e esculturas, e essa percepção reforça que o cemitério é um espaço de criação e recriação de memória colectiva.

As necrópoles se configuram como lugares de memória, fundamentalmente, por serem espaços onde há uma ritualização para relembrar e um simbolismo atribuído ao conjunto de lápides e túmulos estabelecidos, é um lugar que guarda a memória individual e colectiva, mas que precisa de um auxílio externo para sua preservação com o objectivo de não esquecer. Sendo assim, a partir de Le Goff (1990), pode-se afirmar que no cemitério coexistem incontáveis

memórias colectivas que são eternizadas em monumentos, documentos e não perdem sua propriedade particular nem ligação ao grupo que as produziu. Ainda nesta vertente, Nora (1993, p.27) destaca que um espaço de memória é um lugar dúplo: um lugar de excesso, fechado sobre si, fechado sobre sua identidade e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações, pois a memória perdura em lugares.

Para Nora (1993) “os lugares de memória” sugerem a paragem do tempo e, de certa forma, a imortalização da morte, não é o outro valor senão o mnésico do cemitério, sendo este um dos marcos de memória. Este é um espaço conflituoso, pois expressa, através da edificação tumular, atitudes diversas diante da finitude da vida terrena e não poderia ser diferente, porque ao examinar as manifestações culturais tumulares, percebe-se o investimento que visa perpetuar a memória do proprietário do túmulo através da ostentação. Desta forma, devido a predisposição a constante mutação assegurada pelo carácter vivo que a memória possui, os lugares de memória também serão lugares de transição. Nora define então que Lugares, portanto, mas lugares mistos, híbridos e mutantes, intimamente enlaçados de vida e morte, de tempo e de eternidade; numa espiral do colectivo e do individual, do prosaico e do sagrado, do imóvel e do móvel. Anéis de Moebius enrolados sobre si mesmo.

Porque, se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para - o ouro é a única memória do dinheiro - prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (Nora, 1993: 22) De acordo com Ariès (2003, p.73), é quando há a criação dos cemitérios fora das igrejas que os túmulos passam a representar a lembrança e marca a identidade do morto, pois além do nome do falecido surgem símbolos religiosos e inscrições que relatam passagens da vida ou mensagens religiosas.

A partir dessa mudança se percebe uma maior preocupação em localizar a sepultura, reforçando o sentimento de culto da memória. Por essa razão, o túmulo pode revelar a intenção da mensagem feita sobre o morto e sobre a memória que quer que seja evocada a partir de sua representação funerária. Ademais, tanto a fotografia como os epitáfios procuram assegurar os laços de parentesco e os sentimentos familiares, de modo a ajudar a provocar a lembrança do falecido.

Dessa forma, a representação funerária retrata a identidade mortuária do sujeito através do ponto de vista dos amigos e familiares, e também é um modo de manifestar a saudade e a ausência deixada pelo falecido. Sobre os epitáfios, Araújo (2008, p.43) os define como “inscrições feitas de diversas formas (esculpidas, pintadas, grafadas ou colectadas nas lápides), que expressam uma ou mais ideias ou conceitos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos”. As expressões mais comuns, e claramente encontradas no Cemitério, são: “rezam por ti”, “saudade”, “alma”, “à saudosa memória/ à memória de”; as quais de certa forma demonstram uma influência cristã e tentam retratar a falta que o falecido faz.

Para Catroga (2010, p.166), a estreita ligação entre o culto dos mortos e a memória se dá pelo facto da morte ser “primeiramente uma imagem”, por isso todo e qualquer cemitério deve ser visto como um lugar de reprodução simbólica do universo social e de suas expectativas metafísicas. Dito isso, todo signo funerário, seja de forma implícita ou explícita, remete ao túmulo e deve ser entendido como uma totalidade significante que articula o visível e o invisível. Nesse sentido, o encadeamento da campa individual, do jazigo, do epitáfio, da estátua e da fotografia, deve ser vista como uma consequência iconografia dos novos imaginários referentes a fins escatológicos e/ou conter a memória dos vivos sobre os mortos.

2.6 Passagem dos rituais

O ritual acontece para trazer ordem a desordem, fazer sentido ao acidente ou ao incompreensível, concede aos actores sociais, meios para dominar a desarmonia. Os ritos devem ser considerados como um conjunto de comportamentos individuais ou colectivos relativamente codificados, tendo um suporte corporal por meio gestual, verbal ou de postura, com carácter repetitivo e forte carga simbólica para os atores e presentes. Terrin afirma que o rito coloca ordem, classifica, estabelece as prioridades, dá sentido do que é importante e do que é secundário. O rito nos permite viver num mundo organizado e não-caótico, permite-nos sentir em casa, num mundo que, do contrário, apresentar-se-ia a nós como hostil, violento, impossível. (Terrin, 2004: 19) De acordo com Terrin (2004), existem diversas definições para rito, pois diversos âmbitos, como o antropológico e o histórico religioso, e o da ciência podem abraçar esse conceito.

O conceito de ritos de passagem se fundamenta na visão de uma sociedade fragmentada e ao mesmo tempo totalizante, que se explicita quando Van Gennep (2011, p.23) afirma que “Toda sociedade geral contém várias sociedades especiais, que são tanto mais autónomas e possuem contornos tanto mais definidos quanto menor o grau de civilização em que se encontra

a sociedade geral.” É na dinâmica entre a sociedade geral e as sociedades específicas que os ritos de passagem encontram seu motivo de ser, já que numa sociedade onde se encontram sociedades mais independentes, o indivíduo se move pelo espaço através de marcos e passagens.

Este autor também chama atenção para o facto de que toda alteração na situação de um indivíduo implica aí acções e reacções entre o profano e o sagrado, acções e reacções que devem ser regulamentadas e vigiadas, a fim de a sociedade geral não sofrer nenhum constrangimento ou dano. (Van Gennep, 2011: 24) Van Gennep (2011) diz que todas as mudanças de status podem ser interpretadas como “saídas” e “entradas” — mais precisamente “passagens através de”. Essa ideia fica mais evidente quando explica que as passagens são marcadas por um ritual, de modo que a pessoa cujo status será mudado é afastada do contacto diário por um (1) rito de separação, que a coloca na esfera do sagrado. Este é seguido por um período de transição, quando a pessoa que se está submetendo ao ritual abandonou um status, mas ainda não ingressou no outro.

Os ritos desse estágio são chamados de (2) ritos de margem ou marginais por Van Gennep e de liminaridade por Turner. Em seguida vem o (3) rito de agregação, no qual o novo status é formalmente confirmado — destaca-se que o status é uma questão de reconhecimento social e não de qualquer acto ou criação do indivíduo. Dessa forma, cada cerimónia tem sua finalidade e especificidade. Turner (1974a) destaca que o acto ritual é uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a uma cosmogonia ou a aspectos directamente ligados ao quotidiano da sociedade.

Vale salientar que sem a representação simbólica não é possível, na visão deste autor, o estabelecimento de um ambiente diferenciado da realidade quotidiana, onde o ritual se desenvolve. Isto significa dizer que o ritual se realiza em um momento que é liminar, termo apropriado de Van Gennep (2011). Conforme Turner: Os atributos de liminaridade, ou de *personae* (pessoas) liminares são necessariamente ambíguos, uma vez que esta condição e estas pessoas furtam-se ou escapam à rede de classificação que normalmente determina a localização de estados e posições num espaço cultural. As entidades liminares não se situam aqui nem lá; estão no meio e entre as posições atribuídas e ordenadas pela lei, pelos costumes, convenções e cerimonial. Seus atributos ambíguos e indeterminados exprimem-se por uma única variedade de símbolos naquelas várias sociedades que reactualizam as transições sociais e culturais. Assim, a liminaridade frequentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade,

à escuridão, à bissexualidade, às regiões selvagens e a um eclipse do sol ou da lua. (Turner, 1974a: 117). Assim, o ritual é realizado de modo que nem o tempo, o espaço ou os indivíduos nele envolvidos são os mesmos da vida quotidiana, estão todos sob influência de uma atmosfera simbólica que os ressignifica e transforma seus atributos e status. Vale salientar que durante este momento liminar, o indivíduo está “despido” de seu status social e motiva o sentimento de igualdade entre os sujeitos, e esse sentimento de igualdade e integração é definido por Turner (1974a) como “*communitas*”; ou seja, a relação de “*communitas*” é potencializado pela condição liminar do ritual.

2.7 Dia de rezar pelos mortos

No dia de todos os Santos que se comemora a 2 de Novembro, existe uma circulação de visitantes bem maior que nos dias anteriores, sem falar nos familiares que vão pessoalmente limpar e decorar com flores e velas o lugar de descanso eterno de seus entes queridos. Torna-se comum observar pessoas (principalmente mulheres idosas e adultas) a levar água e produtos de limpeza para tratar dos túmulos, e outras a carregarem flores para a ornamentação.

O mês de Novembro apresenta oportunidades de praticar caridade aos defuntos por meio de visitas ao cemitério, frequentar uma igreja ou oratório público no dia dos Fiéis Defuntos e rezar pelo descanso eterno. O dia 2 de Novembro faz parte dos ritos fúnebres católicos, composto por uma série de ritos performados pelos sobreviventes diante da morte e dos mortos. É um ritual anual e demonstra uma perpétua permanência do luto. Finados é um dia em que o habitual barulho das folhas causado pelo vento dá lugar a inúmeras vozes e sons de passos, a calma e tranquilidade típicas do cemitério são substituídas por uma movimentação que só se repete anualmente. Os arredores do campo santo, geralmente tranquilos e com transeuntes costumeiros, torna-se agitado com a venda exasperada e ininterrupta de flores de todos os tipos de variados preços, arranjos dos mais simples aos mais complexos, com tons mais claros ou mais escuros, tudo depende do gosto do cliente.

Visivelmente, Finados se tornou um dia de rezar e de vender já que é possível perceber o comércio da morte e do morrer antes mesmo de adentrar aos muros do cemitério. A memória, reacendida pelo rito, tem uma função de integrar os indivíduos em cadeias de filiação identitária, distinguindo-os e diferenciando-os em relação aos outros. Fotografias³⁹, painéis, epitáfios – inscrições que podem ser esculpidas, pintadas, gráficas ou coladas nas lápides, e que expressam uma ou mais ideias ou conceitos do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, esculturas – obras escultóricas que apresentam diversos temas, sendo que em geral a temática

predominante é a religiosa, como crucifixos, santos e emblemas, documentos epigráficos, objectos de decoração e materiais utilizados na construção dos monumentos carregam uma carga de representação da memória. Para mais, é através da simbologia contida nos jazigos que se apercebe que a escolha por este ou aquele símbolo na composição dos túmulos sustenta crenças religiosas e culturais da comunidade.

A estética cristã foi profundamente marcada pela atitude de produzir imagens geradas pela crença, mostrando a finitude da vida e a imortalidade da alma, pois a expressão simbólica é uma forma de discurso. Como toda a linguagem da memória actua por símbolos que manifestam uma relação, uma pertença, ou mesmo uma essência intrínseca ao grupo, percebe-se que o cemitério seja monumental na sua expressão arquitectónica e na sua função de lugar de produção e reprodução de memórias, e que as necrópoles modernas apresentam, de um modo ainda mais extenso e claro, esse significado.

2.8 Rituais no momento do luto

Luto, de acordo com o dicionário Aurélio (Ferreira, 2003), significa tanto o sentimento de dor pela morte de alguém quanto os sinais exteriores deste sentimento, em especial o traje usado e o tempo de permanência em estado de luto. É considerado reacção normal e esperada frente ao rompimento de uma relação significativa, pois se compreende que ocorre não simplesmente uma morte, mas a partida de alguém amado em circunstância dolorosa (Schlindwein, 2001).

De acordo com Freud (1915/2010a, p. 172), o luto é a reacção diante da perda de um ente querido, que comporta um doloroso abatimento, a perda de interesse pelo mundo externo e a perda da capacidade de eleger um novo objecto de amor, além de afastamento de toda actividade que não se ligue à memória do falecido. Freud é bastante preciso ao indicar que a dor descreve o estado do enlutado. Seguindo as pistas deixadas por Freud, Bianco e Costa-Moura (2020, p. 3) afirmam que “viver a morte como contingente passa a ser a condição para que a vida tenha chance de se exercer e de continuar”. Os rituais que cercam o morrer oferecem ao enlutado condições de simbolizar a perda por meio do laço social. Dito de outro modo, diante da perda da pessoa amada, o enlutado precisa de suporte psicológico para que possa elaborá-la simbolicamente. Os rituais podem ser entendidos como laços sociais que possibilitam a expressão de sentimentos, inclusive por meio do choro, e a troca de experiências sobre o trabalho do luto, que contribuem para enfrentar e superar a perda e retomar a vida (OLIVEIRA et al., 2020).

Esse abatimento desencadeado pelo luto diz respeito ao difícil processo de reorganização das relações do sujeito enlutado com o mundo, no qual já não se verifica mais o objecto perdido. Trata-se mesmo de um “delicado processo de transformação dos investimentos libidinais que davam um colorido particular a nossas vidas” (VERZTMAN; ROMAO-DIAS, 2020, p. 279). A grande transformação a ser operado ao longo do trabalho do luto é uma reinvenção de nós mesmos, porém, sem que isso implique na perda de nós mesmo, como ocorre na melancolia.

Em outras palavras: dar início a esse processo de transformação do mundo e de reinvenção de si mesmo. Freud (1915/2010, p.42) opõe o afecto do luto, compreendido por ele como normal, à melancolia. Nesta, diante das mesmas condições estabelecidas para o luto, além das três características do luto anteriormente citadas, encontramos também “diminuição da auto-estima” (p. 172). Num estado melancólico, não é apenas o mundo que não tem mais interesse, por meio de uma identificação com o objecto perdido, o Eu se torna pobre e vazio. Um quadro grave de melancolia pode desencadear um suicídio. A elaboração do luto não tem um tempo previamente determinado, pois o mesmo ocorre de diferentes formas e tempos para cada pessoa, esse processo pode ser rápido ou mais demorado, dependendo de como o trabalho do luto é vivido por cada sujeito (DANTAS et al., 2020, p.210).

Para que o processo de luto tenha sucesso, em primeira instância, é necessário que a perda seja reconhecida. Ou seja, a morte do ente amado precisa ser admitida por aquele que sofre (DANTAS et al., 2020, p.509-533). O cerimonial fúnebre, “pode ser entendido como um momento oportuno de confirmação da morte, uma vez que é possível se deparar com o corpo sem vida e se despedir do mesmo” (NASCIMENTO, 2020, p. 82). Isto é, nesse momento há a confirmação que o acontecido é irreversível. Para Dantas et al. (2020, p. 515), cabe “à cultura amparar esse processo através de ritos de passagem, cuja função é gradualmente estabelecer e confirmar essa nova ordem”. Além disso, os rituais e cerimoniais que marcam a despedida de um ente querido são importantes para o trabalho do luto, pois são momentos propícios para que o enlutado possa expressar, de diferentes formas, o seu sofrimento e, em alguns casos, reunir os familiares, conhecidos e amigos, e todos compartilharem da mesma dor. Durante o cerimonial fúnebre, os enlutados vêem e tocam o corpo do morto, despedem-se; nesse momento surge a evidência que o sujeito precisava para ter certeza da morte do ente amado: é a constatação de uma realidade irreversível.

Nesse instante marcado pela dor, são trocadas experiências com as pessoas presentes na celebração de despedida (DANTAS et al., 2020). Se considerarmos com Freud (1915/2010)

que o luto é um “doloroso abatimento”, logo, que é a dor que descreve o estado do enlutado, ao longo do processo do luto, trata-se mesmo de apaziguar essa dor causada pela perda. Os rituais que cercam o morrer oferecem ao enlutado condições de simbolizar a perda por meio do laço social, possibilitando a expressão de sentimentos, inclusive por meio choro, além da troca de experiências sobre o trabalho do luto, que contribuem para enfrentar e superar a perda e retomar a vida (OLIVEIRA et al., 2020, p.56). Isto é: se a dor é vivida por cada um de modo singular, é preciso transformá-la no sofrimento, enquanto um trabalho compartilhado (VERZTMAN; ROMAO-DIAS, 2020, p.32). Bianco e Costa-Moura (2020, p.245) vão na mesma direcção, consideram que os rituais de despedidas contribuem para uma efectiva elaboração do luto, pois a mesma se dá com o laço social, onde as pessoas compartilham de suas experiências, choros e falas sobre o sofrimento e a tristeza. Os rituais unem o indivíduo ao social, de forma que ocorre uma organização pulsional após a morte do objecto amado, a fim de fazer o enlutado encontrar uma nova identidade dentro da comunidade que está inserido.

2.9 Missa do 7 dia

A missa de sétimo dia é, como sabemos, uma realidade tão enraizada e tão universalmente aceite em nosso povo, que mesmo aqueles que não tem nenhuma ligação com a Igreja pisam no templo e vem assistir à missa nesta ocasião. Ninguém nega este acto a um parente, um amigo, um colega ou a uma pessoa à qual estava ligado na vida por algum laço humano. Constatando este facto, temos diante de nós um fenómeno que se apresenta como desafio em duplo sentido. Queremos compreendê-lo e torna-lo um instrumento de cura pastoral. Portanto, as nossas reflexões vão girar, em primeiro lugar, em torno da história das missas dos mortos; depois analisaremos questões de cunho teológico e de pastoral litúrgica para podermos melhor ajudar na fé aqueles irmãos com os quais nos encontramos reunidos apenas nas missas de sétimo dia. Todos estes dias de comemoração da morte têm a sua origem já antes do cristianismo. Os gregos antigos comemoravam especialmente o 3º e o 9º dia depois da morte. Os persas tinham a mesma prática. Na Síria observava-se um jejum de três dias depois da morte. Homero relata costumes semelhantes na *Ilíada*. Aquiles chorou três dias sobre o seu amigo Pátroclo. No 4º dia o corpo do falecido foi queimado. Em toda a Ásia Menor, como também no antigo Israel, o luto durava geralmente sete dias. Foi assim depois da morte de Jacó e de Judite (Gn 50,10; Jt 16,24). Em vários lugares do mundo antigo, o luto terminava no 30º e 40º dias depois da morte. Em Israel houve luto de 30 dias depois da morte de Moisés e de Aarão (Nm 20,29; Dt 34,8). A origem desta escolha está possivelmente na crença de alguns povos antigos de que, após a morte, a alma, embora já fora do corpo, não se afasta dele, a não ser após três ou sete dias.

Esta opinião está provavelmente ligada ao facto de que a decomposição do cadáver não aparece senão depois de alguns dias. Frequentemente pensou-se também que a alma do falecido demora na terra até a decomposição completa do corpo. Esta seria, portanto, a época da partida da alma para fora deste mundo, fixada em geral para o 30º ou 40º dia. Estas ideias em torno da morte estavam ainda ligadas, no mundo grego, à concepção da origem do indivíduo. Privilegiavam-se o 3º, o 4º e o 40º dia a partir da crença de que, no 40º dia, quando o embrião toma forma de criança, só então ele é animado para uma vida humana.

O processo depois da morte é, pois, mais ou menos inverso. Estas opiniões populares sobrevivem, como é fácil de compreender, mesmo após o povo se tornar cristão. Um autor grego da Idade Média as resume assim: “Depois da morte, a alma demora durante três dias na terra; no quarto dia, os anjos a levam embora; no nono dia, os espíritos do ar e os anjos combatem por causa da alma; no quadragésimo dia, a alma é conduzida perante o tribunal de Deus e recebe de Deus a sentença final. Por isso celebramos as comemorações dos mortos no 3º e 40º dia”. Os autores eclesiásticos sentiam também a necessidade de dar um significado cristão a estes dias comemorativos. O terceiro dia é o dia da ressurreição do Senhor; no quadragésimo ele subiu ao céu. Assim os mortos podem receber ajuda nossa no terceiro e no quadragésimo dias, a fim de que possam seguir o mesmo caminho que o Cristo traçou. Como vimos, o 7º e o 30º dia foram mencionados no Antigo Testamento, e por isso foram aceites na Igreja ocidental. O sétimo dia é considerado, aliás, como uma recordação do domingo, que, por sua vez, é o dia da ressurreição. Por isso o 3º, 7º e 30º dia tornaram-se na liturgia romana os dias fixos para comemoração dos mortos. No oriente, onde existiam tradições em partes diferentes e onde houve uma maior aversão contra os judeus e os costumes deles, comemorava-se o 3º, 9º e o 40º dia.

O costume de celebrar a Eucaristia durante o funeral ou em presença do defunto não é tão antigo como o da missa no 3º, 7º, 30º dias e no aniversário da morte. Não conhecemos nenhum documento anterior ao sétimo século que ateste a celebração da missa nas exéquias. Parece que este costume se iniciou no enterro de monges e religiosos. No VI século foi iniciado o costume de celebrar missas pelos defuntos independentemente dos dias mencionados.

2.9.1 Caracterização e localização geográfica do Município da Caála

O Município da Caála localiza-se na parte central da Província do Huambo, tendo como limites, a norte pelo Município da E Cunha, a Leste pelo município do Huambo, a Sul o

Município do Chipindo e a Oeste pelos Municípios de Longonjo e Caconda. (PESSELA 2021,p.9).

2.10 Breve historial do Município da Caála

Em meados de 1912 chegou a Caála a linha de Caminho-de-Ferro de Benguela (CFB), factor que contribuiu par o desenvolvimento do povoado que, até então, era um pequeno acampamento junto de uma aldeia antiga cujo Soba se chamava Cahala Mbita, emergindo nesta altura como povoação.(PESSELA 2021,p.9). Com uma extensão territorial de 3.680km², o Município da caála, segundo reza a história,começou a ser habitada em 1900. Ibid p.9. O povoado que os pioneiros ergueram por baixo do Monte Mbandjela em território da Mangumbala, adoptou o nome de Caála por proposta de Antero Gavino do Rego, que em virtude deste, juntamente com os seus compatriotas terem reconhecido o Soba Kahala como a elite máxima, por possuir grandeza de espírito e atributo de chefia, pelos quais merecia o respeito do seu povo e dos próprios portugueses. Ibid p.9. A sanzala situava-se na antiga salsicharia, facto que fez com que os primeiros comerciantes se terem instalado neste local que mais tarde, terá sido designado Caála velha ou Caála de baixo. Ibid pp.9 e 10. Na época colonial, muito antes dos portugueses chegarem a este território da Caála, os autóctones já estavam organizados, já viviam em sobados e ombalas e já estavam em organização de mandatos de chefia. Quando o colono chegou, em 1913 a 1914 era o Soba Grande chamado Kahala, que controlava os residentes do Muangunja, Ngumbe, Chikualula, Cassupi e Sakanombo, e tantos outros. Chimuco 2021) apud (PESSELA 2021, p.11).

2.11 Divisão Administrativa

Administrativamente o Município da Caála é constituído por quatro comunas, nomeadamente: a Comuna Sede, Calenga, Catata e Cuima. (António 2014, p.19).

2.12 Actividade Económica

Após o alcance da independência no país, os principais empreendimentos económicos estavam sob o controle de multinacionais dos EUA, da Antiga Alemanha federal, do Japão ou ligadas à antiga metrópole”. Desde os primórdios, a principal actividade económica foi e continua a ser a agricultura. (NETO, 2010, p. 189).

2.13 Demografia

O crescimento Demográfico, a população do Município da Caála cresceu de 279,792 para 331,223 habitantes, nos últimos tres anos cifra que corresponde a dois por cento.(Jornal de Angola Abril 2022 p.9).

2.14 A realização dos ritos fúnebres no Município da Caála

Segundo o Soba David Prata, o povo do Município da Caála são indivíduos de ritos, apesar de que actualmente regista-se uma perda desses valores que dão consistência a celebração do sagrado com os variados rituais. Era uma prática social os Ovimbundu enterrar os mortos no terreiro da aldeia e os recém-nascidos num túmulo de salalé, no recontro de caminhos onde depositam um Cântaro de água. Após o enterro para voltar a pronunciar-se o nome do falecido é antecedido o termo Umbundu «wendi», significando que já não vive.

Os adultos proibem as crianças que queiram pronunciar o seu nome, dizendo que já não volta, nem existe e assim podem se esquecer. A sua invisibilidade social pode ser marcada pela perda do nome, pelo retirar do vestuário, insígnias e outros sinais do seu estatuto. Depois de um ano celebra-se a cerimónia fúnebre. É a crença que até então o morto viveu a entrada da aldeia, só nesta altura parte definitivamente para o reino dos mortos, onde viverá eternamente com os seus antepassados. Julga-se que ao longo deste período a carne foi devorada pelos vermes ficando exclusivamente os ossos. Com o desaparecimento da carne idealiza-se que o morto partiu para a outra dimensão. A cerimónia tradicional anual do “tira luto” (distintivo que simboliza infelicidade), é a data especial de purificação que serve para levantar o embargo das viúvas ou viúvos em manter afinidades sexuais, assim como autorizar-lhes para o outro casamento.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na realização do presente trabalho, usou-se as técnicas de questionário para obter dados. Ao traçarmos as metodologias ficou mais claro os passos que se deu para a concretização do trabalho com mais rigor científico. Pois, “o uso da metodologia representa uma contribuição adicional significativa às estratégias de segurança e conservação preventiva dos ritos, visto que permite o estabelecimento de prioridades para acções preventivas de forma bem embaçada e transparente.” (HOLLÓS; PERDERSOLI JR., 2010, p. 8).

3.1 Tipo de investigação

Trata-se de um estudo exploratório de natureza qualitativa. Exploratório porque pretendemos investigar um fenómeno pouco conhecido e como nos refere Polit [et al.] (2004, p. 34) “a pesquisa exploratória investiga a sua natureza complexa e os outros factores com os

quais ele está relacionado". Diz-nos ainda que nos estudos exploratórios “os métodos qualitativos são especialmente úteis para a exploração de fenómenos pouco entendidos”.

A pesquisa qualitativa exploratória destina-se a desvendar as várias maneiras pelas quais um fenómeno se manifesta, “assim como os processos subjacentes”.

Descritivo porque pretendemos observar e descrever o fenómeno, ou seja, “estudar uma situação, tal como ela se apresenta no meio natural, com vista a compreender fenómenos ainda mal elucidados ou conceitos que foram pouco estudados” (FORTIN, 2009, p. 236).

3.2 Local de estudo:

Município da Caála

3.3 Método de análise bibliográfica

Segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007:61), a pesquisa bibliográfica “constitui o procedimento básico para os estudos monográficos, pelos quais se busca o domínio do estado da arte sobre determinado tema.” Este método vai se usar para dar mais sustentabilidade à fundamentação teórica do trabalho, a fim de alcançar o objectivo proposto da nossa pesquisa, que tem cunho qualitativo. Utilizamos como instrumentos de colecta de dados, a observação do ambiente e um inquérito por questionário.

3.4 Inquérito por questionário:

O inquérito por questionário é uma técnica de recolha de dados mais simples e acessível. Utiliza-se para conhecer as atitudes, opiniões, as preferências ou os comportamentos que quem questiona pretende entender e estudar. É constituído por perguntas ordenadas de determinada ordem, (GIL, 1994:54).

3.5 Método de análise síntese:

Este método foi usado para fazer um estudo geral dos elementos necessários para a fundamentação do trabalho e chegar-se à conclusão sobre a verdade do nosso objecto em estudo.

3.6 Método dedutivo/indutivo:

Aplicou-se no estudo de respostas da amostra inquerida, no sentido de se obter premissas verdadeiras que permitiram fundamentar às conclusões obtidas.

3.7 População e amostra:

No que tange a este ponto, digamos que para a comprovação do problema da investigação, fez-se um inquérito por questionário a 30 Municípios dos quais 20 do sexo feminino e 10 do sexo masculino com idades compreendidas entre 30 a 40 anos de idade, de diversos pontos do Município. Seleccionou-se uma amostra do universo de forma aleatória simples, correspondendo à 100%. Os dados para avaliação foram colectados através de um formulário (questionário) próprio, previamente elaborado pela pesquisadora e aprovado pelo orientador com base nas variáveis propostas para o estudo escolhido, a qual foi respondido pelos inquiridos.

4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo foi apresentado os dados obtidos na realização dos inquéritos por questionário efectuado aleatoriamente aos funcionários da Administração Municipal da Caála e a 5 Sobas da Ombala de Muamguja, apresentou-se os resultados obtidos nos inquéritos por questionários e a discussão dos mesmos.

4.1 Análise e interpretação dos resultados do inquérito aplicado aleatoriamente

Para o diagnóstico do problema, foi aplicado um inquérito por questionário efectuado aleatoriamente a 30 funcionários da Administração Municipal da Caála e aos Sobas do Bairro

Muamguja, escolhidos de forma intencional. Assim, estruturamos as seguintes perguntas retiradas nos inquéritos por questionário:

TABELA N°1

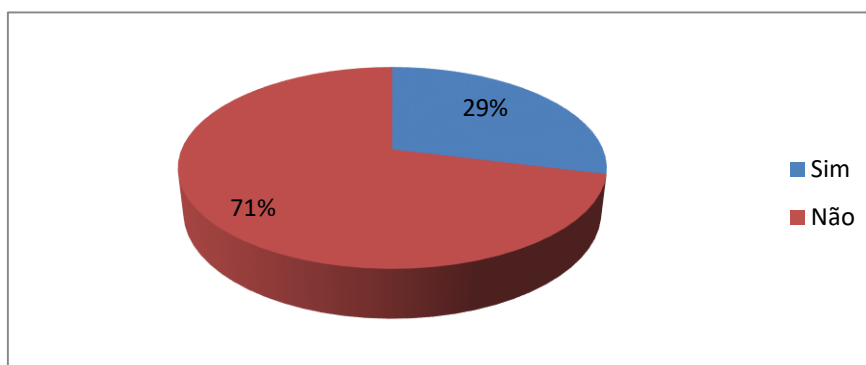
QUESTÃO N°1

1-Idades dos funcionários inquiridos

| IDADES | FREQUÊNCIA | PERCENTAGEM |
|--------|------------|-------------|
| 30 | 4 | 15% |
| 32 | 6 | 18% |
| 33 | 4 | 12% |
| 35 | 7 | 19% |
| 36 | 3 | 12% |
| 38 | 3 | 12% |
| 40 | 3 | 12% |
| TOTAL | 30 | 100% |

Fonte (Autora, 2023).

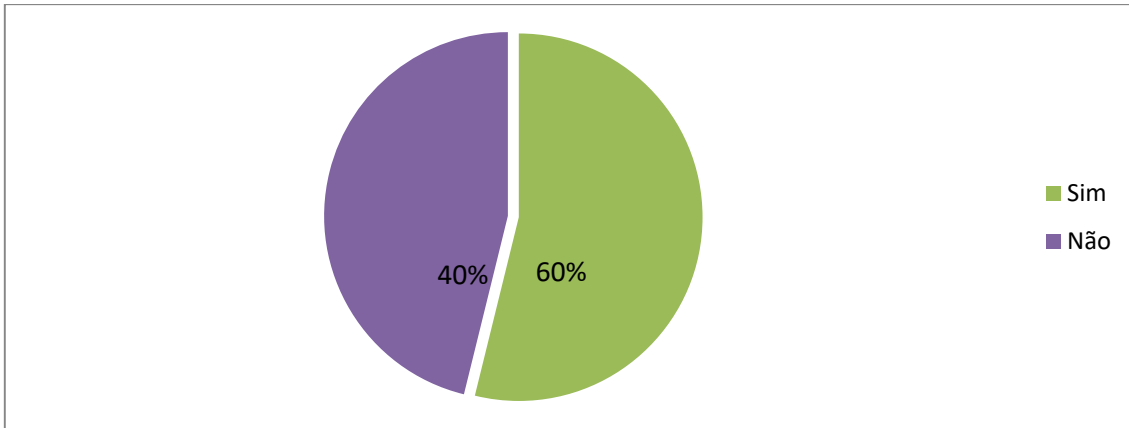
QUESTÃO N°2-os rituais fúnebres no Município da Caála tem sido bem feito?



Fonte (Autora, 2023).

Tal como ilustra o gráfico acima mencionado, 71% dos funcionários inquiridos, responderam que não e 29% afirmaram que sim, pelo número de percentagem dos que responderam que os rituais fúnebres do Município não tem sido bem feito, nos leva a trabalhar arduamente, na implementação do centro para ensinamentos dos rituais fúnebres.

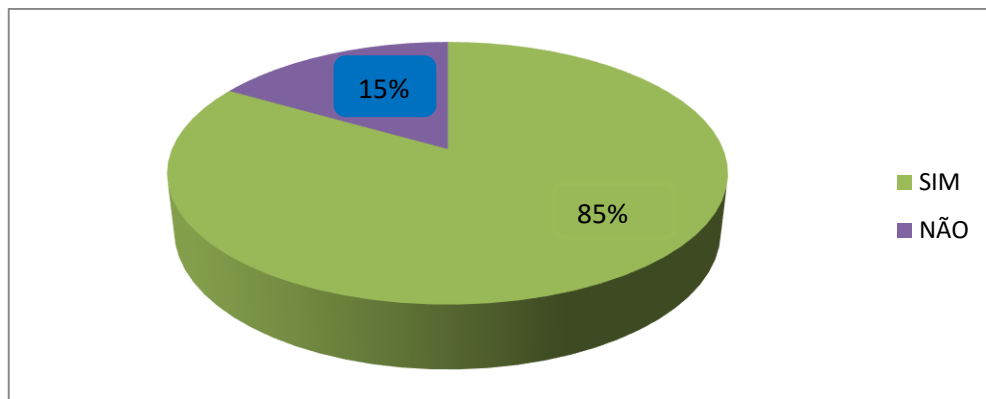
QUESTÃO N°3- Os munícipes acompanham par e passo os rituais fúnebres?



Fonte (Autora, 2023).

Tal como se lê no gráfico, 60% dos funcionários inquiridos responderam que os munícipes acompanham par e passo os rituais fúnebres, apesar de serem muitos os que não fazem e seguem bem os rituais tal como ilustr o primeiro gráfico.

QUESTÃO N°4- A comunidade necessita de um centro para esclarecimento dos ritos Fúnebres?



Fonte (Autora, 2023).

Com base aos resultados do gráfico, 85% dos funcionários afirmaram que a comunidade necessita de um centro para esclarecimentos dos ritos fúnebres. Sendo assim, procuraremos implementar o centro para que a comunidade valorize os costumes e hábitos deixados pelos nossos antepassados.

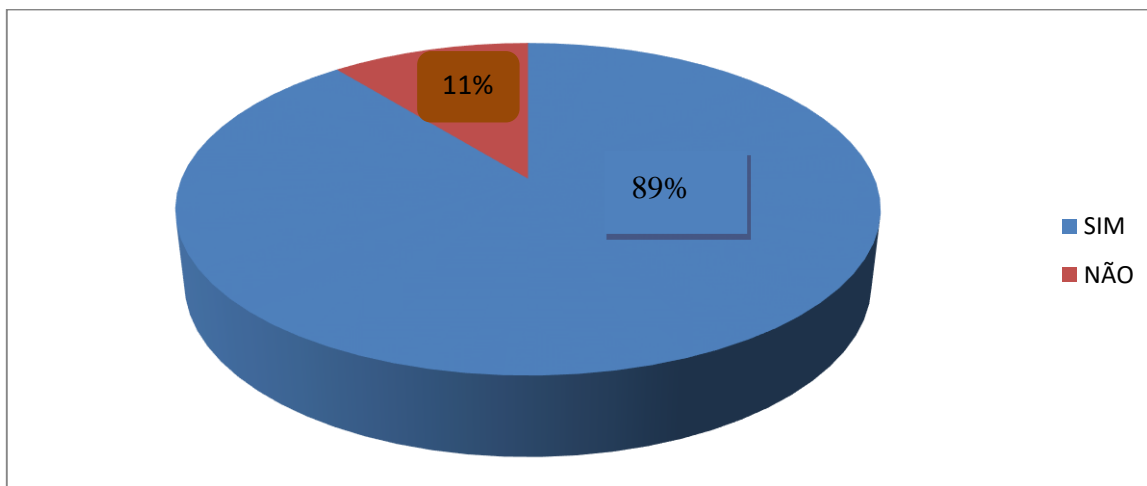
Tabela n°2- Caracterização Geral da Amostra dirigida aos Sobas.

| IDADES | FREQUÊNCIA | PERCENTAGEM |
|--------|------------|-------------|
| 50 | 2 | 40% |
| 65 | 1 | 10% |

| | | |
|--------------|----------|-------------|
| 70 | 2 | 40% |
| TOTAL | 5 | 100% |

Fonte (Autora, 2023).

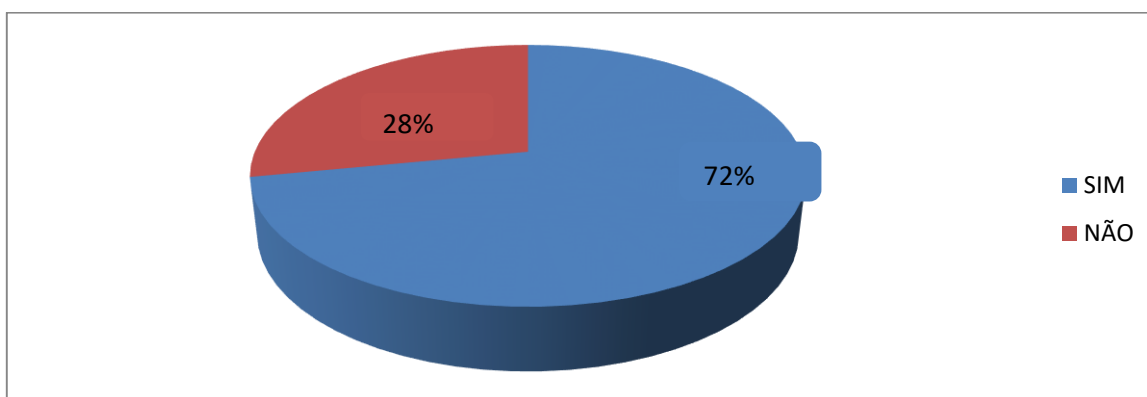
Questão nº1- Se criarmos um centro para esclarecimento dos ritos no Município da Caála haverá uma valoração por parte da sociedade?



Fonte (Autora, 2023).

Conforme espelha o gráfico, 89% das amostras obtidas na pergunta dirigida aos sobas, responderam positivamente na criação de um centro para esclarecimento dos ritos. Desta forma, corroboramos com (Titiev, 2000, p.319), quando diz que “os ritos da morte surgem como elementos reorganizadores da sociedade depois de um momento de crise, caos, desordem provocada pela morte”

Questão nº2- O rito funerário mantém a cultura íntegra?



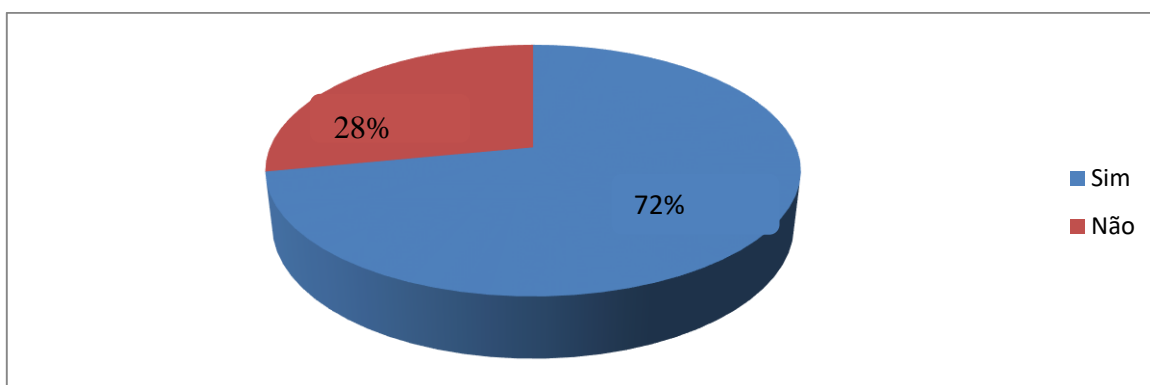
Fonte (Autora, 2023).

Quanto a esta questão, 4 Sobas o que corresponde a 72%, responderam que o rito fúnebre mantém a cultura íntegra e a percentagem demonstra a utilidade social e significado

dos ritos para o Município da Caála. Concordando com Lima et.all (1991, pp.137-138) “o rito funerário mantém a cultura íntegra e estabelece uma ligação com o passado dos indivíduos envolvidos para que eles revivam experiências dos seus antepassados.

Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do tempo. Ao se repetir, mantêm e estabelece uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajuda a funcionar harmonicamente. Quer dizer que os ritos funerários nas diferentes épocas estabelecem a ligação entre o passado, presente e os tempos vindouros. Através dos ritos se sabe como os ancestrais tratavam dos seus cadáveres”.

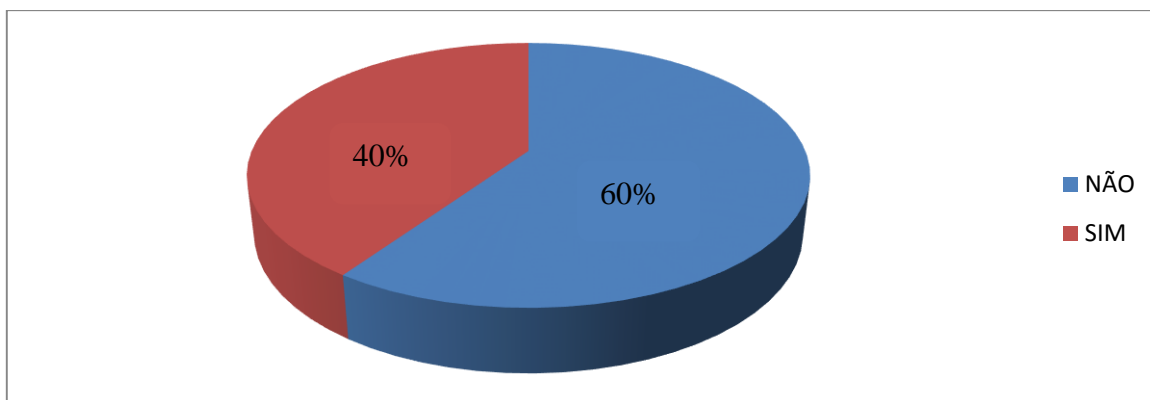
Questão nº3- os ritos motivam o individuo a sentir-se seguro no seu grupo, conforme a sua crença?



Fonte (Autora, 2023).

Quanto a esta questão, 4 Sobas o que corresponde a 72%, responderam que os ritos motivam o individuo a sentir-se seguro no seu grupo, conforme a sua crença. Segundo Durheim (1978, p. 206) os ritos motivam o individuo a sentir-se seguro no seu grupo, conforme a sua crença. É uma satisfação psicológica o praticante sustentar a ideia da existência dos ritos. Todo o rito tem o seu significado simbólico para o equilíbrio e sustentabilidade do grupo. As sociedades são marcadas e influenciadas pelos símbolos e ritos.

Questão nº4- Os ritos fúnebres praticados no Município da Caála seguem a mesma regra que os nossos antepassados praticavam?



Fonte (Autora, 2023).

Quanto a esta questão, 3 Sobas o que corresponde a 60%, responderam que os ritos fúnebres praticados no Município da Caála não seguem a mesma regra que os nossos antepassados praticavam. Desta feita, nota-se uma desvalorização da nossa cultura e percebe-se que actualmente vive-se mais pela aculturação e deixando os nossos hábitos e costumes num derradeiro passado.

5 PROPOSTA DE SOLUÇÃO

Para atingir os objectivos preconizados do tema, temos como propostas de soluções as seguintes:

Criação de um centro para esclarecimento dos ritos fúnebres no Município da Caála, com a seguinte caracterização na tabela abaixo colocada:

| Direcção | Compartimentos do centro | Nº dos trabalhadores | Função dos trabalhadores |
|------------------------------|---------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| 1 Director | 4 Gabinetes | 2 Recepcionistas | Recepcionista |
| 1 Subdirector | 1 Sala de recepção | 5 Esclarecedores | Esclarecedores |
| 1 Chefe dos recursos humanos | 2 Quartos de banho | 2 Auxiliares de limpeza | Auxiliares de limpeza |
| 1 Advogado | 4 Salas de atendimento | 2 Guardas | Guardas |
| Total=4 | Total=11 | Total=11 | |

O Centro estará localizado no Município da Caála, na rua 5 de Outubro, com os seguintes pontos cardeais: A Este encontra-se a Pensão Sossego, a Oeste Administração municipal, a Norte a estação do CFB e a Sul o Banco BAI.

Criaremos acções motivacionais para a capacitação e formalização dos ritos. Vamos ainda procurar a motivação por parte dos micro operadores do município com actividades económicas específicas do sector. Ainda, no Centro que será implementado vender-se-à equipamentos usados nos rituais fúnebres.

6 CONCLUSÕES

Os ritos funerários no Município da Caála ainda são uma realidade fora do comum, pois, regista-se nesta circunscrição, um desvio daquilo que é o comum. Uma das razões do fraco

conhecimento dos ritos funerários deve-se a escassez de centros de esclarecimentos, falta de debates, palestras assim como da inclusão da temática no programas televisivos e não só.

Perante a realidade exposta, é notório a importância da concretização da morte do ente querido, e da existência do laço social para que a dor da perda seja compartilhada com amigos e familiares, afim de transforma-la em sofrimento. A não realização dos processos fúnebres, impossibilita que o indivíduo tenha a concretude do fim da vida do seu ente, não permite a externalização de todo sentimento que é gerado por esse momento, pois, apesar de ser sentida individualmente, a dor da perda de um ente querido tende a ficar mais leve, quando compartilhada.

No passado a morte tinha um papel muito significativa, pois era responsável por acabar de vez com o sofrimento do escravo africano, proporcionando-lhe a liberdade junto com a sua ancestralidade na outra vida. Nos tempos actuais ainda continua tendo grande importância, pois através dos rituais de morte é possível honrar o ente-querido, encontrar à saída da vida terrena com toda a sua injustiça e sofrimento e também à entrada na cidade da ancestralidade que será a liberdade permanente e, podemos acrescentar ainda o céu, na concepção cristã junto a Jesus Cristo.

Deste modo, considerando-se a relevância das manifestações rituais diante da morte, bem como a carência de estudos acerca da relação entre rituais e luto, sugere-se a necessidade de estudos sobre o tema, principalmente no que se refere às características do mundo contemporâneo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALTUNA, R. R. S. *Cultura Tradicional Bantu*. Paulinas. Portugal, 2006.

- ARIÈS**, Philippe 1981 O homem diante da morte, Rio de Janeiro, Francisco Alves. 2003 História da morte no Ocidente, Rio de Janeiro, Ediouro.
- BIANCO**, Anna Carolina Lo; **COSTA-MOURA**, Fernanda. Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 40, 2020.
- BÍBLIA SAGRADA**, Antigo e Novo Testamento (1974)- Sociedade Bíblica Unida, Grã-Bretanha.
- CATROGA**, Fernando. Nação, Mito e Rito: Religião Civil e Comemoracionismo (EUA, França e Portugal). Fortaleza: Edições NUDOC / Museu do Ceará, 2005.
- COSTA**, G. A. da. O Conceito de Ritual em Richard Schechner e Victor Turner: Análises e Comparações. Revista Aspás, 2013 3(1), 49-60. [consult. 2020/08/05]. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/68385>
- CERVO**, A. L. (2007). et al. Metodologia Científica. 6ª Edição. São Paulo/Brasil. Pearson Prentice Hall. Enciclopédia Lusa- Brasileira de Cultura. Editor Verbo, Lisboa 9ª edição.
- DANIEL**, J. M. F. (2014)- Reflexão sobre o ritual fúnebre no contexto cultural da comunidade Ovamula da Chibia. Proposta de enriquecimento dos conteúdos de Antropologia do 3º Ano no curso de História do ISCED-Lubango. Lubango.
- DANTAS**, Clarissa de Rosalmeida et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, v. 23, p. 509-533, 2020.
- FREUD**, S. Considerações atuais sobre a guerra e a morte. In: FREUD, S. Obras completas, volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Obra originalmente publicada em 1915.
- GIL**, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES**, A. J. *Ovimbundu Pré-coloniais, contribuição ao estudo sobre os planálticos de Angola*. Luanda: CACUL, 2016.
- HERTZ**, Robert 2008[1907] Death and the right hand, Londres, Routledge.
- JORNAL de Angola Abril 2022 p.9.
- MARKONE & LAKATOS**. (2008). Metodologia de Investigação Científica. Lisboa/Portugal. Editora Atlas. SP.
- MELO**, R. A. J (2008)- A morte os defuntos e os rituais de “Limpeza” no pós guerra angolano: Quais os caminhos para pôr fim ao luto. 2008. Melo, R. A. J (2007)- O homem e a mulheré sapo: género e identidade entre os Handa no sul de Angola. Lisboa: editora Colibri.

- MENEZES, R. A., & LUXARDO, N.** (2020). Apresentação do Dossiê 9: Doença e Morte. *Revista M. Estudos Sobre a Morte, Os Mortos E O Morrer*, 5(9), 5–8. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2525-3050.2020.v5i9.5-8>
- NAHENDA, A.** (2018)- Rituais fúnebres dos Ovimbundu da Comuna de Cikuma. Lubago.
- NASCIMENTO, Adriana Rodrigues et al.** Rituais de Despedida no contexto da pandemia covid-19: FAREWELL RITUALS IN THE CONTEXT OF THE COVID-19 PANDEMIC. *Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará*, v. 14, n. 1, p. 80-85, 2020. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/384/216>>.
- OLIVEIRA, Eliany Nazaré et al.** “Aquele adeus, não pude dar”: luto e sofrimento em tempos de COVID-19. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 2. ESP, 2020.
- RIVIÈRE, Claude,** (2013). *Socioantropologia das Religiões/Claude Rivière: (tradução de Saulo Krieger).* - São Paulo. Ed: Ideias & Letras.
- SATENDE, A. C. & NGUEVE, M.** (2010)- Reflexão sobre reencontro de culturas entre europeus (Portugueses) e os povos Ovimbundu. Monografia- Lubango.
- SCHECHNER, Richard.** *Between Theater & Anthropology.* Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985, pp. 117-150. [consult 2020/08/05]. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/moringa/article/view/9993/5473>
- SCHILINDWEIN, R.** (2001). Aspectos psicológicos da terminalidade do luto e do morrer. *Revista Científica em Psicologia*, 1(1), 19-30.
- TERRIN, Aldo Natale.** (2004). *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade.* São Paulo, Paulus.
- TITIEVE, M** (2002)- *Introdução à Antropologia cultural.* 9ª edição. Lisboa.2002
- TURNER, Victor.** *O processo ritual .* Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAN GENNEP, Arnold.** (2011). *Os ritos de passagem: estudo sistemático dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações e etc.;* tradução de Mariano Ferreira, apresentação de Roberto da Matta. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- VERZTMAN, Julio e ROMAO-DIAS, Daniela.** Catástrofe, luto e esperança: o trabalho psicanalítico na pandemia de COVID-19*1. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* [online]. 2020, v. 23, n. 2, p. 269-290. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n2p269.7>>.



CAÁLA
INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

Anexo nº1-Inquérito por questionário dirigido aos funcionários da Administração

Exmo. (a) senhores (as):

Este Inquérito por questionário, faz parte de um estudo que se pretende realizar no âmbito de conclusão do curso de licenciatura em História, no Instituto Superior Politécnico da Caála que tem como tema: **Proposta De Criação De Um Centro Para Esclarecimento Dos Ritos Fúnebres No Município Da Caála** Esperamos pela tua colaboração e que seja feita com sinceridade.

Assinale com x apenas as alternativa que achas correcta.

1- Idade _____

2-os rituais fúnebres no Município da Caála tem sido bem feito?

Sim Não

3- Os munícipes acompanham par e passo os rituais fúnebres?

Sim Não

4-A Comunidade necessita de um centro para esclarecimento dos ritos Fúnebres?

Sim Não

Muito obrigada pela sua colaboração!

Caála,2023

Anexo nº2-Inquérito por questionário dirigido aos Sobas



Exmo. (a) senhores (as):

Este Inquérito por questionário, faz parte de um estudo que se pretende realizar no âmbito de conclusão do curso de licenciatura em História, no Instituto Superior Politécnico da Caála que tem como tema: **Proposta De Criação De Um Centro Para Esclarecimento Dos Ritos Fúnebres No Município Da Caála** Esperamos pela tua colaboração e que seja feita com sinceridade.

1-Se criarmos um centro para esclarecimento dos ritos no Município da Caála haverá uma valoração por parte da sociedade?

Sim Não

2-O rito funerário mantém a cultura íntegra?

Sim Não

3- os ritos motivam o individuo a sentir-se seguro no seu grupo, conforme a sua crença?

Sim Não

4- Os ritos fúnebres praticados no Município da Caála seguem a mesma regra que os nossos antepassados praticavam?

Sim Não

Muito obrigada pela sua colaboração!

Caála,2023

APÊNDICE Nº1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Nós estamos convidando-o (a), para participar de uma pesquisa intitulada: Proposta de criação de um Centro para esclarecimento dos ritos Fúnebres no Município da Caála; esta pesquisa está sendo desenvolvida pela académica, **Florinda Nachilonga Chimuco**, vinculada no Instituto Superior Politécnico da Caála. Trata-se de uma pesquisa cujo objectivo é Propor a criação de um Centro para esclarecimento dos rituais Fúnebres no Município da Caála. Durante a realização da entrevista, a previsão de riscos será mínima. Esses riscos serão de carácter emocional quando, ao responder as perguntas, você pode reviver experiências sofridas, ou se sentir constrangido em fornecer algumas informações. Os dados que você fornecerá serão confidenciais e divulgados apenas em publicações científicas, não havendo divulgação de nenhuma informação que lhe possa identificar. Esta pesquisa obedecerá aos cuidados éticos estabelecidos pelo comité de ética do ISP-Caála. Caso tenha qualquer dúvida sobre a ética dessa pesquisa, você deverá contactar o Comité de Ética do ISP- Caála ou enviar um e-mail para: comitedeticaispc@gmail.com. Este documento foi impresso em duas vias. Uma ficará com você e a outra com a pesquisadora responsável. Eu, _____ após ter sido esclarecido sobre os objectivos, importância e o modo como os dados serão colectados nessa pesquisa, além de conhecer os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará e ter ficado ciente de todos os meus direitos, concordo em participar da pesquisa.

Data: _____ / _____ / **2023**

Assinatura do Orientador

Pe.Menezes Tchipopa Ndikito

Assinatura da estudante

Florinda Nachilonga Chimuco